



XVIII ENANPUR
NATAL 2019
27 a 31 maio

A SENSÇÃO DE SEGURANÇA A PARTIR DA INFLUÊNCIA DOS ELEMENTOS URBANOS DE UMA RUA

Autores:

Inaiama Aires Medeiros - Laboratório de Rua - inaiama@gmail.com
Aída Paula Pontes de Aquino - Laboratório de Rua - aida@labrua.org
Pablo Henrique Dias Venturas - Laboratório de Rua - pablo@labrua.org
Yona Kaluaná Ferreira de Sousa - Laboratório de Rua - yona@labrua.org

Resumo:

Os espaços públicos devem ser locais agradáveis a todos, tendo em vista que podem ser o ponto principal da relação entre as pessoas formadoras da sociedade. A rua pode ser o principal representante do que é um local público e por isso é necessário que haja a presença de pessoas transitando, permanecendo, conversando ou exercendo alguma atividade. O medo em utilizar a rua é uma das problemáticas que pode estar ligada a falta de elementos urbanísticos capazes de favorecer seu uso e dar mais segurança aos usuários. O estudo realizado no bairro da Liberdade em Campina Grande - Paraíba buscou compreender os aspectos urbanos contrastantes que nele existem. Os elementos urbanos foram estudados através de fotografias e mapas temáticos, sendo escolhidas duas ruas caracteristicamente distintas. Os resultados demonstram a comprovação da relação entre os elementos urbanísticos e a percepção de segurança do usuário, influenciando na permanência ou não de pessoas no espaço.

A SENSAÇÃO DE SEGURANÇA A PARTIR DA INFLUÊNCIA DOS ELEMENTOS URBANOS DE UMA RUA

ESTUDO DE CASO DE RUAS DO BAIRRO DA LIBERDADE - CG

INTRODUÇÃO

Ao pensar em bons espaços públicos, pode-se imaginar a presença de pessoas nos parques, nas praças e nas ruas, aproveitando a vida ao ar livre, mas o simples fato de caminhar e usufruir dos equipamentos públicos pode ser comprometido pelos medos das ruas, já que a violência urbana repele cada vez mais as pessoas dos espaços públicos.

O medo das ruas, sendo relacionado à violência urbana, inverte o papel do espaço público para um lugar inseguro, onde o indivíduo sente-se vulnerável, e não há a apropriação por parte do sujeito sobre o espaço, o que relaciona a sua qualidade à segurança que ele proporciona. Relacionando assim o fator urbanidade, de movimentação urbana com a segurança pública (NETTO, 2014; GEHL, 2015).

Diante dos problemas de criminalidade urbana, Campina Grande, situada no interior da Paraíba apresenta, segundo os dados do Jornal da Paraíba (2016), no ano de 2015 uma somatória de 1.178 casos de delitos a pessoas no perímetro da cidade, o que corrobora com o medo das pessoas estarem na rua. Observa-se que diferentes aspectos urbanos que dividem áreas dentro da cidade como densidade, uso e ocupação do solo, presença de muros altos, fachadas ativas, iluminação pública, entre outros, podem influenciar na utilização cotidiana no espaço público em detrimento da segurança urbana (MEDEIROS, 2018).

Reforça-se a potencialidade para a cidade se tornar viva, sempre que mais pessoas se sintam convidadas a caminhar, pedalar ou permanecer nos espaços da cidade. Com um maior número de pessoas fortalecemos a vida da cidade, quanto mais gente na rua, maior a sensação de segurança e maior a vivacidade dos espaços (GEHL, 2015).

Diante disso, apresentando contraste em relação a segurança em toda a sua área, foram escolhidas duas ruas do bairro da Liberdade situado na zona sul da cidade, que representassem cada uma de suas partes, do qual compreende-se locais mais ativos que outros. Portanto, esses aspectos acabam proporcionando o anseio pelo entendimento de como esses elementos urbanos realmente podem ou não influenciar no uso dos espaços urbanos, com ênfase nas ruas.

Dessa forma, o objetivo do artigo é analisar como os elementos existentes nas ruas podem interferir na sensação de segurança das pessoas, levando em conta o fator

caminhabilidade e urbanidade (NETTO, 2014; SPECK, 2012). Usando como metodologia de pesquisa a análise morfológica através de mapas temáticos e questionário online sobre a percepção das pessoas a respeito da segurança para adquirir dados quantitativos e qualitativos do espaço urbano.

Assim, foi identificado que quando uma quadra é mais adensada e compacta, existe diversificação dos usos, mais conectividade entre vias e fachadas mais ativas, o fator de segurança fica em evidência, tornando o espaço mais atrativo a permanência e ao uso variado.

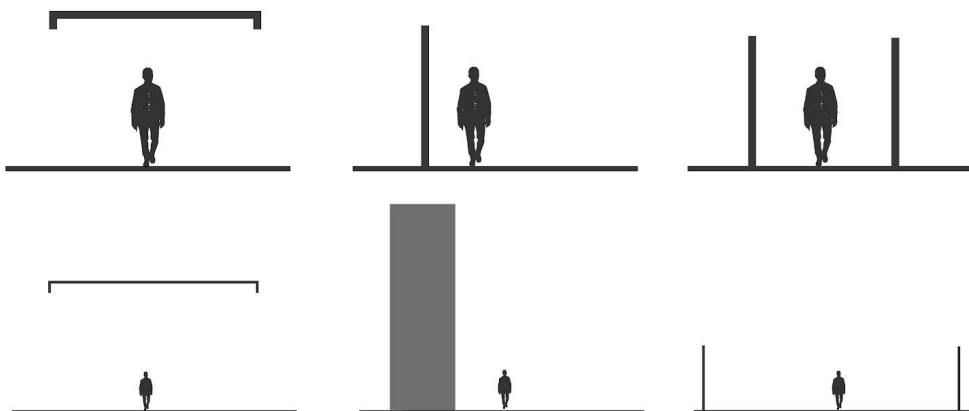
REFERENCIAL TEÓRICO

Procura-se compreender como o espaço público se constrói e como a sociedade participa desse processo, buscando, então, entender a influência do espaço público sobre o indivíduo; como a forma urbana pode influenciar na permanência da pessoa no ambiente; e se isso se relaciona ao sentimento de segurança.

PRODUÇÃO DO ESPAÇO

O homem cria o espaço que o cerca, de maneira consciente ou não, este espaço pode ser moldado por legislações, criadas e discutidas por técnicos, em resposta à alguns problemas existentes na cidade, como também as ações unitárias inconscientes podem ter grande efeito sobre o meio. Por exemplo, em uma rua todas as casas não utilizam muros, mas por algum motivo, certo morador decide construir um, talvez pelo discurso de se proteger dos perigos urbanos ou por estética, daí outro vizinho também acha necessário construir um muro, logo em seguida outro, e, por fim, a rua torna-se tediosa, árida, sem vitalidade, acarretando em sensação de insegurança, que gera a necessidade de cercas elétricas e câmeras de segurança nas edificações. Dessa forma, o que era apenas uma decisão inicial unitária e inconsciente, proporcionou uma série de consequências para o coletivo (NETTO, 2014).

Figura 01: Proporção da escala humana com o espaço e as possíveis sensações que podem ser geradas.



Fonte: Adaptado de Abbud, 2010.

Assim como o indivíduo produz o espaço, exercendo influência sobre ele, o espaço também exerce influência nas percepções do usuário, a partir da proporção, escala, cores, texturas e cheiros que podem proporcionar sensações (Figura 01), sendo elas relacionadas ao que o indivíduo tem como referência de “cidade natal”, como também suas experiências vividas ao longo da vida e as necessidades naturais de sobrevivência do ser humano, como o risco de vulnerabilidade da sua vida. Sendo assim, um espaço interno ou externo deve trazer comodidade ao usuário, minimizando os riscos de vida, e, então, pode ser considerado seguro para o ser humano (ABBUD, 2010; ZEVI, 2011; LYNCH, 2011).

SEGURANÇA NO ESPAÇO

Partindo do pressuposto “pessoas atraem pessoas” (JACOBS, 2014), para um lugar parecer seguro ele deve atrair pessoas, e, assim, o próprio indivíduo sente-se mais seguro na presença de seus semelhantes. Entende-se então que se um lugar dispõe de várias pessoas circulando, conversando, fazendo alguma ação, este ambiente mostra-se seguro para quem o utiliza (JACOBS, 2014; GEHL 2015). Isso nos traz a compreensão de que um espaço público em que há pessoas, é um ambiente com mais chances de proporcionar segurança aos usuários, mesmo não evitando que delitos possam acontecer.

Souza (2014) faz um estudo no bairro do José Pinheiro situado na zona Leste de Campina Grande - PB, em que procura compreender em um cenário geral sobre a necessidade humana da segurança nos espaços urbanos e a importância da segurança por parte da morfologia das ruas. O estudo levanta uma leitura de seis vias das quais apresentaram maior e menor número de ocorrência de acordo com dados da Polícia Militar, e classifica de acordo com suas características de cheios e vazios, uso e ocupação de solo, características socioeconômicas, áreas de permanências e espaços de lazer, tipologia mural e tipologias de térreo e relaciona à abordagem do manual CPTED. Por fim, a autora conclui que mesmo sendo um bairro considerado perigoso pela população, o seu desenho urbano ajuda na prevenção de delitos, que em sua maioria acontecem em estabelecimentos comerciais e não interferem na presença das pessoas nas ruas que proporcionam vitalidade ao espaço.

ELEMENTOS DO ESPAÇO URBANO

Para compreender como o espaço público pode parecer ou não acolhedor para o usuário, é necessário compreender quais elementos compõem o meio urbano, do qual será considerado neste estudo, a rua. Abaixo serão analisados os seguintes elementos: calçadas, fachadas, muros, usos mistos e adensamento.

CALÇADAS

As calçadas são elementos lindeiros ao lote, o primeiro no limite do público e privado. Para Jacobs (2014) são nas calçadas que acontecem as primeiras trocas sociais e o primeiro contato com a rua. É nela que acontece a mobilidade urbana para pedestre, portanto, se houver acessibilidade, locais de permanência, sombreamento, iluminação pública eficiente e edificações com suas fachadas com contato para a rua,

temos uma calçada com boa funcionalidade. Compreende-se, então, que as fachadas podem se caracterizar como um termômetro de quão segura um local pode ser, pois se a rua for segura, existiram pessoas nela, entretanto, se a localidade está insegura, não existiram pessoas nela (JACOBS, 2014; GEHL, 2015 e SPECK 2012).

FACHADAS

As fachadas são elementos externos e longitudinais de uma edificação, com grande interferência para quem caminha na rua. De acordo com sua configuração formal, pode gerar diversas sensações para quem caminha nas calçadas. Conforme sua proporção de aberturas, podem gerar os “olhos da rua” (JACOBS, 2014), ou simplesmente repudiar o pedestre através de fachadas cegas, sem nenhuma interação com os usuários.

Karszenberg e Laven (2015) denominam o “Plinth”¹ o andar térreo de um prédio, relacionando-os com suas formas, usos e conexões para o melhor funcionamento das calçadas. Em outras palavras, a fachada térrea, exerce grande influência sobre a calçada e os usuários da rua.

MUROS

Quando consideramos fachadas os elementos longitudinais e externos de uma edificação, compreende-se então que o muro não se caracteriza como uma fachada. Por ele se comportar como uma barreira entre a edificação e a via pública, é construído como uma fortaleza de proteção para assegurar a segurança da propriedade privada, que em detrimento do próprio processo econômico capitalista a edificação privada já é vulnerável aos olhos do proprietário (CARLOS, 2015 e JACOBS 2014).

Ao se tornar uma barreira para a via pública, os muros mais altos geram a sensação de insegurança para os pedestres, pois não há uma relação de “olhos da rua”. Portanto, não há uma vigilância natural de outras pessoas, então o próprio delituoso sente-se mais cômodo a cometer um assalto, por exemplo. O manual CPTED (Crime Prevention Through Environmental Design - Prevenção de Crimes através do Design Ambiental) introduz a importância da vigilância natural, os “olhos na rua”.

A premissa fundamental é que os criminosos não desejam ser observados. A vigilância ou a colocação de “olhos na rua” legítimos, aumenta o risco percebido pelos infratores. Isso também pode aumentar o risco real para os infratores se os observadores estiverem dispostos a agir quando surgirem situações potencialmente ameaçadoras. Assim, o principal objetivo da vigilância não é manter os invasores fora (embora possa ter esse efeito), mas sim manter os invasores sob observação (CPTED, 2013, p. 08).²

¹“Plinth” caracteriza-se como o andar térreo de uma edificação (KARSSZENBERG E LAVEN, 2015)

² Traduzidos pelos autores.

USOS MISTOS

Todas as edificações devem exercer um uso para a cidade, seja ele residencial, comercial, industrial, institucional, etc. É necessário então que a união desses usos exista, para uma maior vitalidade e sustentabilidade em um bairro (FARR, 2013). Speck (2012) descreve que para que uma cidade tenha um bom desenvolvimento, é necessário a reunião de usos, compreendendo o uso misto como a melhor forma que isso aconteça, tendo como contrapartida um bairro apenas com uso residencial, no qual não traz a necessidade do pedestre transitar entre as vias para comprar algo ou usufruir de algum serviço, atraindo menos pessoas para o espaço.

Além da necessidade de usos múltiplos, em uma localidade, deve haver uma quantidade de pessoas significativas que usufruem desses estabelecimentos, ou seja, para que um estabelecimento comercial se sustente, como a exemplo de uma padaria, deve existir uma clientela ativa para comprar os pães todos os dias, caso contrário, ela virá a fechar (JACOBS, 2014).

O uso residencial quando somado a comércio e/ou serviços, geram uma maior concentração de pessoas em um local, como também uma quantidade de pessoas que vivem e usufruem desses serviços, em diferentes horários do dia, aliados aos equipamentos de entretenimento e lazer, torna o bairro mais completo e sustentável para a cidade (FARR; ALLEN, 2013).

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do estudo, buscou-se trabalhar simultaneamente com a leitura dos elementos urbanísticos do bairro da Liberdade - CG. Em contrapartida a isso, foram escolhidas duas ruas do bairro, a rua Rio de Janeiro e rua Riachuelo (Figura 06), com intenção de mostrar de maneira didática as quão distintas ambas as ruas se mostram no decorrer de sua extensão.

A partir disso, foram analisados os lotes lindeiros e a rua em uma extensão de 500 metros da parte oeste da rua Rio de Janeiro e a parte sul da rua Riachuelo, nas quais será possível obter uma análise de maior e menor urbanidade compreendendo seu micro aspectos.

Para a obtenção dos resultados, foram levantados mapas temáticos que trouxessem os estudos de elementos como: fachadas, forma urbana e urbanidade, proporção do uso e ocupação do solo, densidade, conexão das vias e cheios e vazios. Todos esses aspectos foram relacionados à segurança urbana através da própria relação que existe entre eles e os cruzamentos de dados.

Também foram obtidos dados sobre a opinião e a percepção dos usuários para com os elementos urbanísticos e a segurança pública, a partir da realização de um questionário disponível na internet, em que utilizou-se fotos comparativas das vias para serem escolhidas pelos participantes de acordo com a sensação de segurança que as ruas podem ou não proporcionar-lhes.

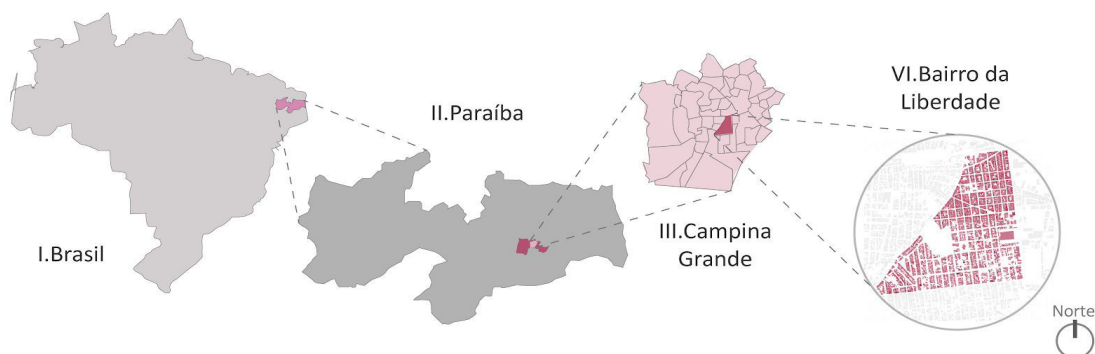
Sendo assim, a pesquisa procurou fazer uma leitura do lugar que fosse capaz de identificar como a estrutura urbana pode influenciar no sentimento de segurança das

ruas, assim como perceber as diferenças que ambas as ruas apresentam apesar de estar na composição de um mesmo bairro.

LEITURA DO LUGAR

O bairro da Liberdade, que se localiza na zona sul da cidade de Campina Grande-PB, comporta uma população de 15.836 habitantes (IBGE, 2010), sendo considerado o quarto maior da cidade. Sua ocupação teve início no plano de loteamento dos bairros que estão no entorno do núcleo central da cidade em 1948, na tipologia de conjuntos habitacionais, nas primícias do processo de urbanização por volta dos anos 50 (CARDOSO, 1963).

Figura 02: Localização do Bairro da Liberdade - Campina Grande.

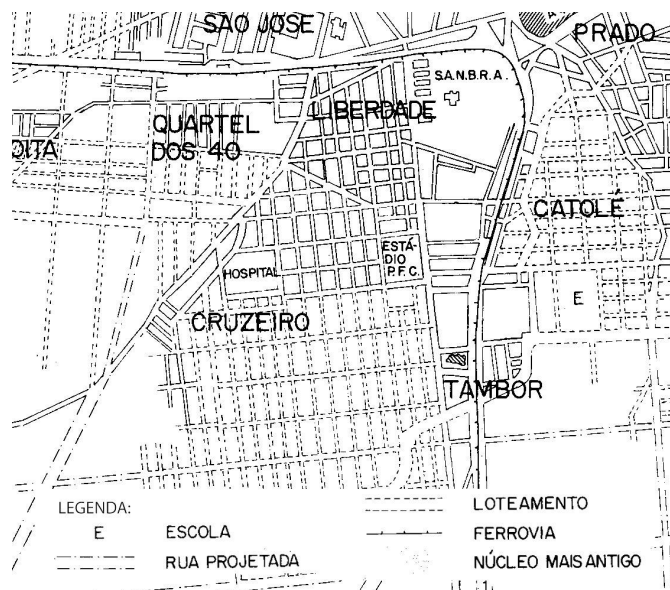


Fonte: Medeiros, 2018.

A população que foi se estabelecendo no bairro desde a sua implantação é formada, principalmente, por classes mais populares, tendo em vista a proximidade com a zona industrial da cidade e da fábrica SANBRA, empresa de grande destaque econômico da época. A fábrica, além de ser responsável por boa parte da renda dos moradores do bairro, também favoreceu o surgimento de outras indústrias, assim como de uma faculdade e o centro jurídico de Campina Grande.

Mesmo apresentando seu processo de urbanização inaugurado por volta dos anos 1950, o período representou o desenvolvimento da parte norte do bairro (Imagem 9), enquanto na parte sul havia apenas áreas que só vieram a se urbanizar nos anos 1980 e 1990. Esse processo traz reflexos até os dias atuais para o bairro.

Figura 03: Mapa do bairro da Liberdade com sua divisão territorial em 1963.



Fonte: Cardoso, 1963.

Atualmente, tendo em vista o grande número de praças, escolas, igrejas, parque, estabelecimentos comerciais e usos mistos como podemos observar na figura 04, o bairro é composto por infraestrutura e equipamento urbano que favorecem os moradores. Ademais, outro fator de favorecimento é a proximidade com a o centro da cidade e bairros vizinhos têm grande influência no progresso da cidade, como o São José, Cruzeiro, Jardim Paulistano, Jardim Quarenta, Estação Velha e Tambor.

Figura 04: Comparativo dos aspectos do bairro

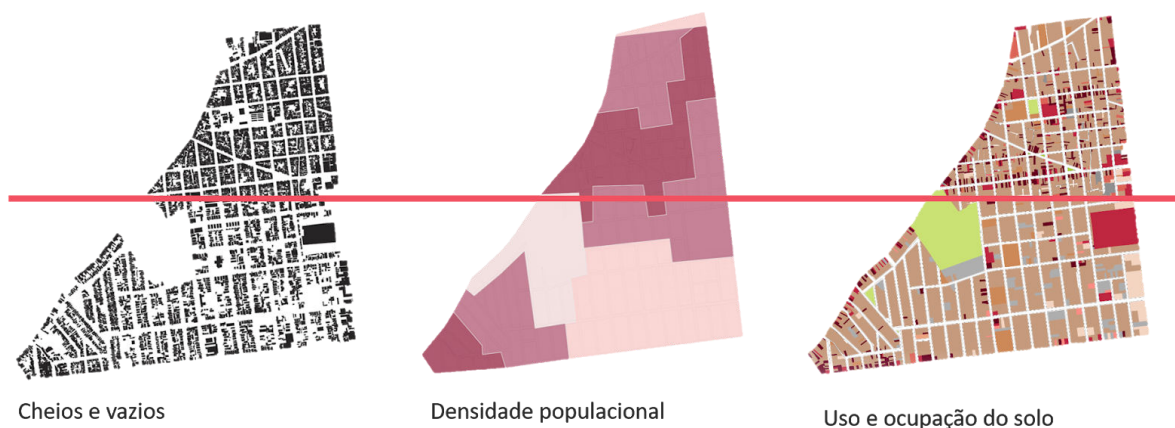


Fonte: Dos autos, 2018.

Levantando o pressuposto de que o bairro em questão, por ter elementos urbanísticos contrastantes em todo seu espaço, possui diferentes influências com relação ao pedestre e a urbanidade em determinadas áreas, podendo influenciar, assim, fatores como a segurança. Essa afirmativa se dá, principalmente pela

observação da enormes discrepâncias entre as parte Norte e Sul do bairro da Liberdade, assim como a parte Sudoeste em uma pequena parcela (Medeiros, 2018). Podemos observar na figura abaixo com clareza a distinção entre a parte Norte e Sul.

Figura 05: Comparativo dos aspectos do bairro



Fonte: Medeiros, 2018.

Foi buscado a seguir a compreensão dos usuários relacionados à sensação de segurança em ruas do bairro, para direcionar quais ruas representam melhor cada disparidade do bairro para alisar seus aspectos urbanísticos e sua relação com segurança urbana.

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Para associar a influência dos elementos urbanos sobre a sensação de segurança do usuário do espaço, buscou-se compreender dos indivíduos sobre esse aspecto nas vias do bairro da Liberdade, diante da afirmativa de que o bairro apresenta diferenças em seu território, havendo regiões em que há maior presença de vitalidade urbana que outras.

Para tal compreensão, foi criado e aplicado um questionário online, em que foram mostradas duas fotos comparativas das vias da região Norte e Sul aos participantes, com a pergunta: "Ao caminhar na rua, qual das vias você se sente mais seguro?", havendo também a possibilidade de "Não consigo escolher" (Figura 05). A partir do questionário, foram coletadas 90 respostas entre o período de 15 de setembro à 15 de novembro de 2018.

Figura 05: Interface da pesquisa aos usuários sobre as ruas do bairro.



Fonte: Medeiros, 2018

Os dados coletados apresentaram 55% de representação de mulheres e 44% de homens. Dessa porcentagem, 71% cursam ou concluíram o ensino superior, 27% o ensino médio, e 7,7% o ensino fundamental. Dentre esses, apenas 17,7% reside no bairro, e mesmo diante de um número não tão relevante, a pesquisa tenta entender, de uma maneira geral, os motivos de um cidadão ter medo ou não de caminhar nas ruas, tendo em vista que é uma realidade das cidades brasileiras.

As fotografias utilizadas na pesquisa foram feitas em quartas-feiras, no horário das 16:00, considerando que dessa forma não teria a interferência de nenhum evento incomum capaz de mudar a realidade das ruas, como por exemplo uma maior quantidade de pessoas utilizando-a. Exemplificando, expomos abaixo duas imagens utilizadas em que a da esquerda, no Norte do bairro, apresenta uma rua com maior quantidade de pessoas e vitalidade, e a da direita tem apenas uma pessoa caminhando na via, com presença de muros altos.

Figura 06: Imagens utilizadas na pesquisa de opinião, rua Rio de Janeiro e Rua Riachuelo, respectivamente.



Fonte: Medeiros, 2018.

Os resultados da pesquisa mostraram que as imagens mais escolhidas pelas mulheres foram as que tinham uma situação urbana com mais diversidade e presença de pessoas. Além disso, 91,7% das respostas dos usuários afirmaram que se sentem mais seguros nas ruas mostradas em imagens da parte Norte, reforçando que um

conjunto de elementos urbanos capazes de criar mais vitalidade ao espaço e níveis de densidade populacional e edificações, pluralidade do uso do solo, desenho urbano que expresse conectividade das vias e fachadas dialogando com a rua, podem interferir e melhorar na sensação de segurança pública.

ANÁLISE DAS RUAS

Para o melhor entendimento dos aspectos do bairro podem ter interferência na sensação de segurança aos seus usuários, optou-se por analisar duas vias que representassem de melhor forma as desigualdades vistas na pesquisa citada acima. As ruas Rio de Janeiro e Riachuelo foram escolhidas devido aos seus aspectos urbanísticos bastante distintos, para a melhor compreensão buscou-se dados quantitativos através de gráficos e mapas temáticos: Cheios e Vazios, Uso e Ocupação do solo, Padrão Construtivo, Fachadas e a Conexão das Vias, com o intuito de apontar quais os pontos de maior distinção e suas relações com sensação de segurança urbana.

Figura 07: Localização das vias analisadas do bairro.



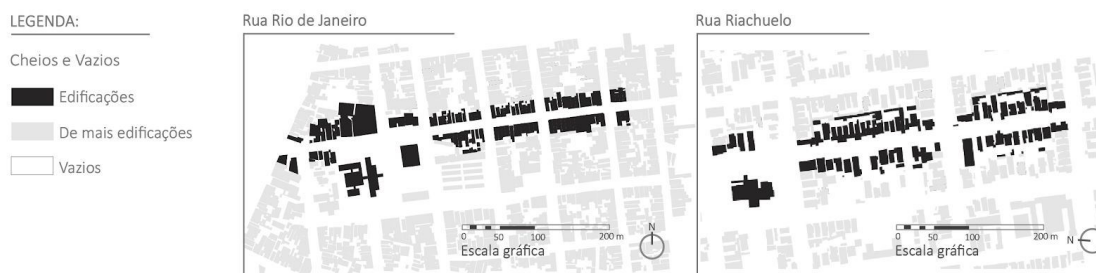
Fonte: Dos autores, 2018

Abaixo, analisaremos cada aspecto, e qual o impacto do conjunto desses aspectos para a produção dos espaços públicos contemporâneos.

CHEIOS E VAZIOS

A análise dos Cheios e Vazios é fundamental para entender como as edificações da área se distribuem e se concentram na extensão da rua. O fator concentração de pessoas, que por ventura coincide com a concentração de edificações em uma região, é um dos pontos que contribuem para a qualidade urbana (JACOBS, 2014).

Figura 08: Comparativo dos cheios e vazios dos trechos da rua Rio de Janeiro e Riachuelo.



Fonte: Dos autores

Podemos observar na figura 08, a baixa concentração das edificações no entorno da rua Riachuelo, parte sul do bairro, apresentando maior presença de lotes vazios e lotes maiores com dimensões médias de 12,00 x 30,00 metros, diferente da rua Rio de Janeiro que contém uma maior quantidade de edificações, mais próximas, com lotes de dimensões médias de 6,00 x 30,00 metros e recuos laterais quase nulos, conhecido como “lote gaveta”. Esse contraste influencia muito na urbanidade ao longo das ruas, existindo uma maior densidade apenas na parte norte do bairro, influenciando no fator segurança.

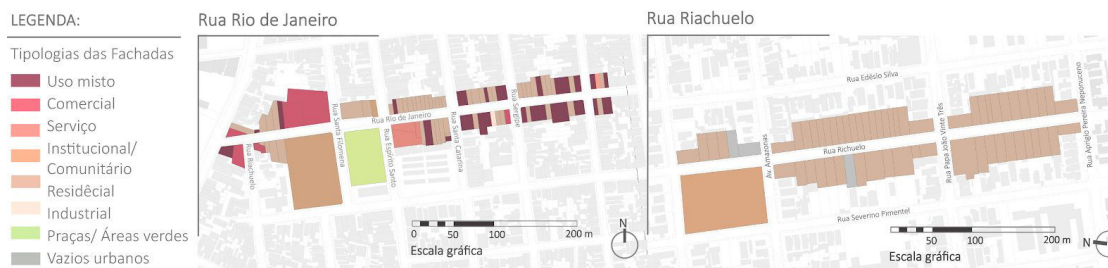
Dessa forma, compreende-se que quando temos edificações mais compacta, mais estreias e mais próximas umas das outras pode ser melhor para a cidade, gerando também maior conexão entre as vias (figura 08) e conseqüentemente, um lugar com mais vitalidade. Quando observamos a configuração de quadra com miolo vazio, destinado aos quintais principalmente, geram problemáticas, como a presença de áreas residuais servem basicamente apenas para o proprietário do espaço, e também às ocupações irregulares, como becos, travessas e outros locais, que em sua maioria são de péssimas condições.

Em contrapartida, mesmo essa forma de edificações mais próximas e ocupação mais densa, sendo de maneira bem inferior, há um aproveitamento maior do solo acarretando no aumento a densidade, principalmente em relação a densidade populacional. E, assim sendo, incentivando uma maior quantidade de indivíduos que possam utilizar a infraestrutura proporcionada pelo espaço, como, por exemplo, equipamentos existentes no bairro.

USO E OCUPAÇÃO DO SOLO

A leitura do uso e ocupação do solo é um dos indicadores para a qualidade urbana de uma localidade, junto a outros fatores urbanos que garantam conectividade e proximidade aos usuários, que proporcionam para a região vitalidade e sustentabilidade urbana e influenciam para que mais indivíduos utilizem a rua. Além disso, a tipologia de uso misto, que une a utilização residencial à comercial ou de serviço, ocasiona conseqüentemente, maior vivacidade quando a moradia e o trabalho ou prática comercial dos usuários do bairro, diminui distâncias e concentra as áreas de interesse do bairro (FARR, 2016; JACOBS, 2014; SPECK, 2012).

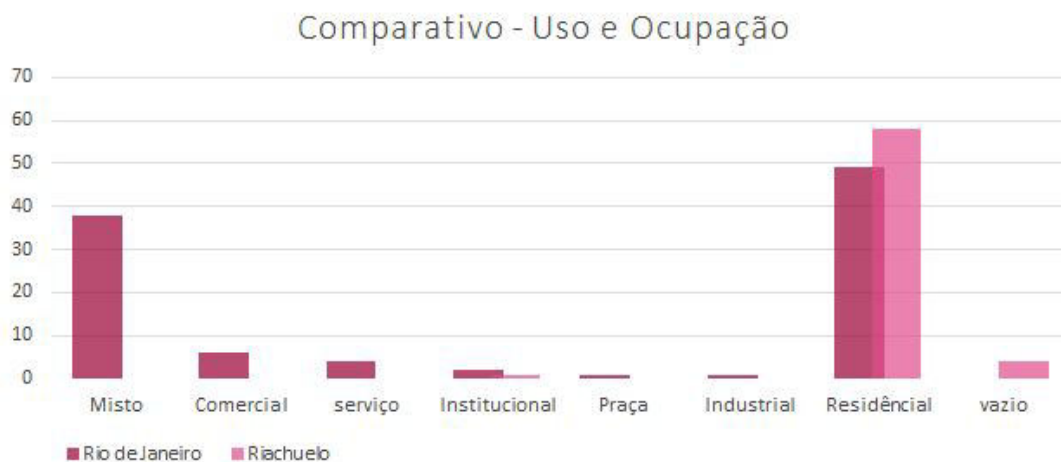
Figura 09: Comparativo do uso e ocupação dos trechos da rua Rio de Janeiro e Riachuelo.



Fonte: Dos autores, 2018.

No estudo do mapa de uso e ocupação do solo (Figura 09), observamos a quantidade de edificações com usos diversos, como mistos, residenciais, comerciais, institucionais, comunitários e áreas verdes no decorrer da rua Rio de Janeiro, na parte Norte do bairro. Comparando com o mapa de Cheios e Vazios (Figura 08), vemos como as áreas mais adensadas e com desenho de quadras menores localizadas no Norte da Liberdade conseguem a maior parcela de usos variados, o que talvez seja justificado pelo seu processo de urbanização iniciado décadas antes, com áreas mais heterogêneas e vitais.

Figura 10: Gráfico comparativo do uso e ocupação dos trechos da rua Rio de Janeiro e Riachuelo.



Fonte: Dos autores, 2018.

Já quando observamos a rua Riachuelo (Figura 09), localizada na parte Sul, vemos a presença de menor diversidade de usos, domínio de habitações e lotes vazios, que mostraram também menor adensamento habitacional e populacional, com quadras maiores e menor conectividade entre as ruas e menos pessoas utilizando-as.

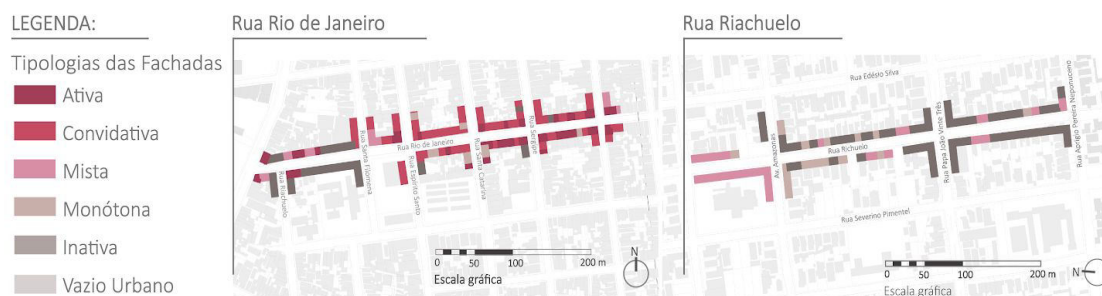
Dessa forma, podemos entender que o conjunto de atributos urbanísticos, e, nesse caso, o uso e ocupação do solo, que têm diferenciações entre as partes Norte e Sul (Figura 09) do bairro de uma maneira geral e que se tornam bem visíveis nas ruas, são fatores de influência na utilização da rua pelo pedestre. Tendo em vista, por exemplo, que quantos mais usos e ocupações diversas a rua tem, mais as pessoas se sentem seguras para usá-la como passagem e convidadas também a permanecer.

FACHADAS

A partir da metodologia de Gehl (2015), em que as tipologias das fachadas são classificadas a partir dos seus elementos construtivos e suas influências sobre o pedestre, como: Ativa; Convidativa; Mista; Monótona e Inativa. Nessa metodologia, considera-se uma fachada com relevância a partir de 100 metros de continuidade, entretanto nesta pesquisa optou-se por classificar a unidade de cada edificação, para se levantar dados quantitativos, foram classificadas as fachadas de cada edificação, exceto os lotes vazios abertos, que não foram considerados como elementos construtivos.

Ao analisar o mapa comparativo (Figura 11) podemos ver o quão se diferem o conjunto de fachadas de cada rua, do qual a via Rio de Janeiro apresenta uma maior diversidade em suas fachadas, aparentando graficamente tons mais avermelhados, o que representa as fachadas ativas e convidativas, ambas vitais para a qualidade e vitalidade urbana. Por outro lado, observamos a mesma imagem da rua Riachuelo, com tons mais cinzas ao rosa claro, com sua predominância de fachadas inativas e mistas.

Figura 11: Comparativo das fachadas dos trechos da rua Rio de Janeiro e Riachuelo.



Fonte: Dos autores, 2018

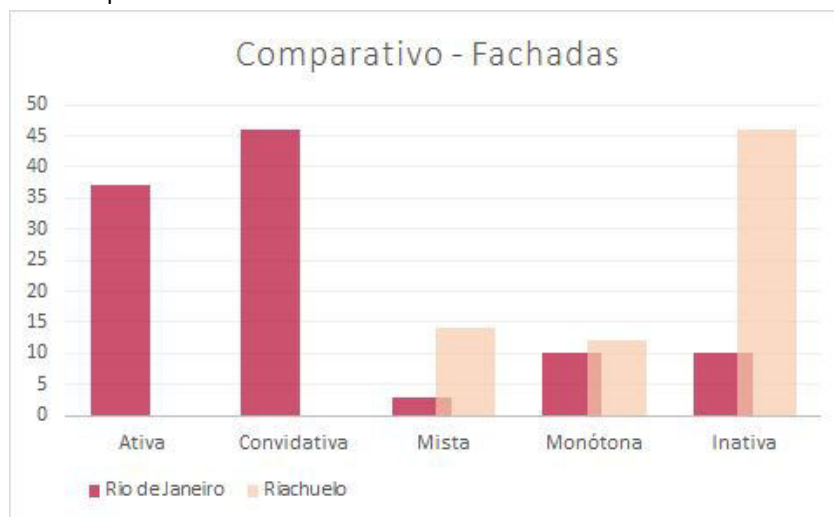
No tocante às fachadas da rua rio de Janeiro, com o predomínio de fachadas convidativas, mistas e ativas e grande maioria dessas fachadas se encontram mais próximas da via, com recuo zero, pode oferecer ao pedestre uma relação mais próxima com os moradores das edificações. O que acaba proporcionando assim, que talvez em um momento de violência urbana, haja um acolhimento maior desses moradores com a vítima, mesmo quando não há a possibilidade de evitá-la.

Já com relação às fachadas do centro Sul do bairro, observamos que a configuração formal das edificações, que apresentam o muro seguido do recuo na parte frontal, diferencia da parte Norte. As existências desses muros transformam o ambiente em mais hostil e inseguro. Ademais, há predominância de fachadas inativas e monótonas distribuídas de forma homogênea na formação do centro, o que acaba proporcionando ao pedestre maior desconforto ao percorrer a rua, e distância a relação do pedestre com o interior das edificações. Também vê-se a existência de algumas fachadas mistas, através das edificações que apresentam grades, altura inferior a um metro e elementos como jardim, que podem tornar a construção mais agradável à rua.

No gráfico abaixo Figura 12, podemos observar o quão grande é a diferença entre as vias, mesmo a rua Rio de Janeiro também tenha edificações com fachadas

inativas, há uma maior diversidade de fachadas e homogeneidade na distribuição no decorrer da via, o que pode gerar um maior equilíbrio. Já na rua Riachuelo, não há fachadas ativas ou convidativas, um menor número de mistas e monótonas, e sua grande maioria de fachadas inativas, ou seja, muros cegos sem nenhuma relação com a via, como também com a presença de terrenos baldios, propiciam ainda mais a sensação de insegurança.

Figura 12: Gráfico comparativo das fachadas dos trechos da rua Rio de Janeiro e Riachuelo.



Fonte: Dos autores, 2018

Entretanto, é notório o quão as duas vias se diferem em seu comparativo das fachadas, compreendendo um fator relevante na influência da sensação de segurança ao caminhar nas vias, do qual em uma há uma maior quantidade de “vigilância natural” (JACOBS, 2014) propícias das fachadas mais ativas e na outra a predominância de muros altos e terrenos baldios.

PADRÃO CONSTRUTIVO

A observação do padrão construtivo das edificações pode ser relativa à renda da população, entendendo que a conservação e o padrão construtivo das edificações pode ser um indicativo da qualidade de vida e dos bens dos proprietários. A partir disso, foram classificados através de dois quesitos, sendo: Qualidade/Complexidade construtiva e o Estado de conservação, classificando as edificações em: alto, médio, baixo e precário.

Figura 13: Comparativo do uso e ocupação dos trechos da rua Rio de Janeiro e Riachuelo.



Fonte: Dos autores, 2018.

Na leitura do padrão construtivo das edificações da rua Rio de Janeiro, podemos observar (Figura 13), as edificações classificadas como médio e baixo padrão construtivo, em que essa diferença pode ser indicada, possivelmente, por novas delimitações de um mesmo lote, devido a necessidade de moradia por classes sociais menos favorecidas. Como podemos observar na figura 13, a rua Riachuelo é bastante diferente, observando as edificações, vemos a grande presença de alto e médio padrão construtivo, tendo apenas duas edificações consideradas precárias, e diversos lotes vazios sem serviço social.

Esses aspectos podem indicar, dessa maneira, que quanto maior o poder aquisitivo do proprietário, maior é a dimensão do lote. Na figura 13, podemos ver graficamente a diferença das dimensões dos lotes de cada via, do qual temos na rua Rio de Janeiro 101 lotes e na rua Riachuelo apenas 63 lotes, vale ressaltar que esse número é referente ao trecho de 500 metros de cada via.

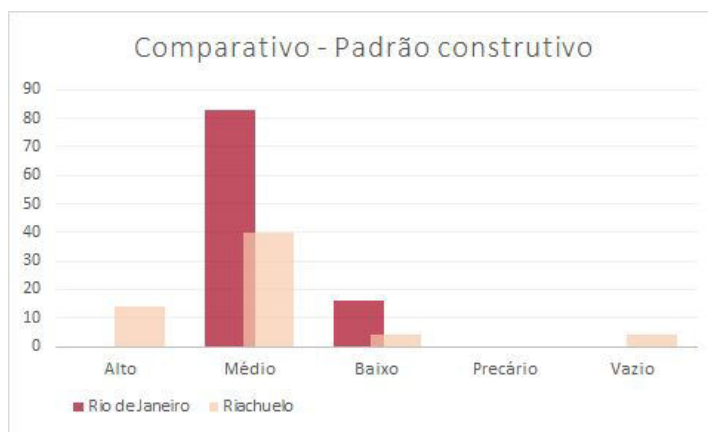
Figura 14: Comparativo da largura média do lote das vias Rios de Janeiro e Riachuelo, respectivamente.



Fonte: Medeiros, 2018.

Diante disso, a visível diferença de poder aquisitivo entre os padrões construtivos das ruas (Figura 14), pode levar ao entendimento de que a população que compõe a rua Riachuelo é mais abastada financeiramente que a da rua Rio de Janeiro, o que pode ser relacionado com questões de adensamento populacional, enquanto mais abastada a população se apresenta, maior o lote, com mais recuos e áreas não destinadas para a habitação, diferente do que foi observado na rua Rio de Janeiro, onde há um maior uso do solo, maior densidade populacional e número de edificações, fator a ser levado em consideração diante do déficit habitacional das cidades brasileiras.

Figura 15: Comparativo do uso e ocupação dos trechos da rua Rio de Janeiro e Riachuelo.



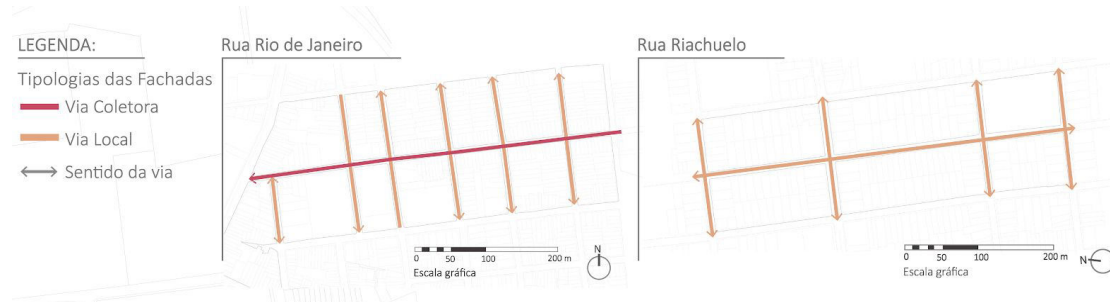
Fonte: Dos autores, 2018.

Entendemos assim, que as diretrizes para o planejamento urbano é um dos tópicos principais da pesquisa, e que muitos loteamentos menos abastados podem gerar mais vitalidade urbana, por serem mais adensados, com lotes e edificações menores, e aliados aos outros aspectos, podem gerar uma maior sensação de segurança nas vias.

CONEXÃO ENTRE AS VIAS

Diante do desenho urbano das quadras de cada via, observamos uma malha viária distinta, proporcionando tipos de conexões diferente. Ao observar a figura 15, na rua Rio de Janeiro, se caracteriza como uma via coletora, que recebe o fluxo da Av. Assis Chateaubriand para a Av. Almirante Barroso, na parte do trecho analisado, seis vias cruzam com ela, propiciando seis conexões em uma distância de 500 metros, com um total de 22 esquinas, com suas quadras de formato quadrado com comprimento médio de 100 metros, o que pode proporcionar uma maior caminhabilidade no decorrer do bairro (SPECK, 2012).

Figura 16: Comparativo das conexões dos trechos da rua Rio de Janeiro e Riachuelo.



Fonte: Dos autores, 2018

Na rua Riachuelo, caracterizada como uma via local, há apenas quatro conexões do decorrer dos 500 metros do trecho analisado, gerando apenas 16 esquinas. Suas quadras têm formatos retangulares com comprimento médio de 200 metros, sendo o dobro das quadras da rua Rio de Janeiro. Por fim, compreende-se que a existência de conectividade urbana somada à diversidade dos usos, gera um maior entranhamento entre as vias, ou seja, mais possibilidades de caminhos do pedestre para seu local

desejado, tendo maior possibilidade de escolhas consideradas mais seguras ao caminhar.

CONCLUSÃO

A compreensão dos elementos urbanos das ruas do bairro da Liberdade e como age a influência na percepção de segurança dos usuários é de suma importância para compreender a dinâmica das cidades brasileira. Esta análise, chegou à conclusão que a soma desses elementos pode sim influenciar na percepção de segurança das pessoas, mas também compreende que a soma desses fatores, por mais positivos que sejam, não resolve a problemática da insegurança, pois, entende-se que fatores de desigualdade social, nível educacional da população, falta de oportunidade de emprego, entre outros também interferem na insegurança urbana. Porém, podemos utilizar dos elementos urbanos que trazem vitalidade e de maneira que amenizem o medo das ruas, para que mais pessoas utilizem o espaço público do qual é destinado para isso.

Este trabalho comparou duas ruas no bairro da Liberdade no tocante a diversos aspectos da morfologia urbana, incluindo cheios e vazios, uso e ocupação do solo, padrão construtivo e fachadas ativas. A diferença entre as morfologias das ruas estudadas, impactam diretamente na segurança real e percebida. A rua Rio de Janeiro apresenta lotes menores, mais fachadas ativas, maior conexão entre as vias, diversidade de usos, maior densidade habitacional e densidade construtiva. A rua Riachuelo, por sua vez, apresenta o oposto da rua Rio de Janeiro, ao longo da mesma dimensão analisada tem quase metade dos lotes da rua de Janeiro, maior presença de muros e maior frequência de fachadas inativas.

Outro ponto observado neste trabalho é como o planejamento urbano pode amenizar os impactos causados por cidades cada vez menos adensadas e distantes dos centros mais desenvolvidos. Farr (2013) traz modelos de cidades mais compactas como um exemplo de cidade mais sustentável, modelo que se aproxima da rua Rio de Janeiro e se difere completamente do trecho da rua Riachuelo, em que apresenta quadras maiores, lotes subutilizados e que não cumpre sua função social, fazendo com que os moradores dessa área necessite usar transporte motorizado para desenvolver suas atividades diárias, quando poderiam ser executadas a pé, de bicicleta ou de transporte motorizado. Devemos então, pensar em cidades para ser usadas por pessoas, não carros. Para que as crianças e idosos sintam-se seguros a utilizar o espaço público ao caminhar pelas cidades, sem o medo das ruas.

Dessa forma, observou-se com a pesquisa como os aspectos urbanísticos do lugar em estudo interferem no uso e na percepção de segurança dos usuários.

Ademais, o estudo também pode contribuir na compreensão dos usuários e suas relações com o meio urbano em outros lugares, ultrapassando os limites espaciais do bairro da Liberdade e da cidade de Campina Grande. Contribuindo, assim, na compreensão de como os elementos urbanos favorecem positivamente nas sensações de segurança.

REFERÊNCIAS

- ABBUD, Benedito. *Criando Paisagens*. 4. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2010.
- AQUINO, Aida Paula Pontes de. *Effects of the built environment on dynamic repertoires of activity-travel behaviour*. 2018. 219 f. Tese (Doutorado), Technische Universiteit Eindhoven, 218. Cap. 8, 2018.
- BRASIL, IBGE. *Censo Demográfico, 2010*. Disponível em <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 01 abr. 2018
- CARDOSO, Maria Francisca Thereza C.. *Campina Grande e sua função como capital regional*. Revista Brasileira de Geografia, Campina Grande, v. 4, n. 25, p.3-39, out. 1963.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Crise urbana*. São Paulo: Contexto, 2015. 191 p.
- FARR, Doug; ALLEN, Ellior. Um bairro completo. In: FARR, Douglas; 2013. *Urbanismo sustentável: desenho urbano com a natureza*. Porto Alegre: Bookman, 2013. Cap. 7. p.126-167.
- GEHL, Jan. *Cidade para pessoas*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva S.a., 2015.
- JACOBS, Jane. *Morte e Vida das Grandes Cidades*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014. 510 p.
- JORNAL DA PARAÍBA. Campina Grande, 31 dez. 2016. Disponível em: <http://www.jornaldaparaiba.com.br/vida_urbana/mais-de-tres-roubos-a-pessoas-sao-registrados-por-dia-em-campina-grande.html>. Acesso em: 20 out. 2018.
- KARSSENBERG, Hans et al. *A cidade ao nível dos olhos*. 2. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2015.
- LYNCH, Kevin. *Imagem da cidade*. 3. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2011.

MASCARÓ, Lúcia; MASCARÓ, Juan José. *Ambiência Urbana: Urban environment*. 3. ed. Porto Alegre: Masquatro, 2009. 299 p.

Manual de prevenção ao crime *CPTED* (Crime Prevention Through Environmental Design - Prevenção de Crimes através do Design Ambiental).

MEDEIROS, Inaiama Aires. *OS ELEMENTOS URBANOS E SUA INFLUÊNCIA NA PERCEPÇÃO DE SEGURANÇA NOS USUÁRIOS DO BAIRRO DA LIBERDADE NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE - PB*. 2018. 99 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Unifacisa, Campina Grande, 2018.

NETTO, Vinicius M. *Cidade Sociedade: as tramas da prática e seus espaços*. Porto Alegre: Editora, 2014. 431 p.

SOUZA, Heloísa A. S. de. *DESENHO URBANO E CRIMINALIDADE: UMA LEITURA DAS CARACTERÍSTICAS MORFOLÓGICAS DO BAIRRO DO JOSÉ PINHEIRO EM CAMPINA GRANDE-PB*. 2014. 108 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Unifacisa, Campina Grande, 2014.

SPECK, Jeff. *Cidade caminhável*. São Paulo: Perspectiva S.a., 2012. 270 p.

ZEVI, Bruno. *Saber Ver a Arquitetura*. 8. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2011.